

Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque - Kuahi

Lux Vidal *

Apresentação

Os povos indígenas do extremo Norte do Amapá, habitantes da bacia do rio Uaçá e do baixo curso do rio Oiapoque - Karipuna, Palikur, Galibi-Marworno e Galibi-Kaliña – são o resultado de várias migrações e fusões antigas e mais recentes. São portadores de tradições culturais heterogêneas, histórias de contato e trajetórias diferenciadas, assim como suas línguas e religiões. Acrescente-se algo mais complicado, todavia fundamental: a avaliação que cada grupo faz de si mesmo e dos outros no processo de construção e reprodução das identidades específicas e coletivas. Mesmo assim, estes povos têm conseguido conviver, construindo ao longo do tempo um espaço de interlocução, especialmente hoje pelo viés das Assembléias Gerais e da sua organização através da APIO – Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque, que congrega as quatro etnias.

É neste âmbito que se travam negociações e acordos, desconfiças e realinhamentos. Prevalece, entretanto, uma visível solidariedade entre estes povos por compartilhar um mesmo território, vivenciar uma situação geopolítica comum, por manter e reativar relações de parentesco e de ajuda mútua, assim como lutar unidos pela terra, saúde, educação, infra-estrutura, trabalho e recursos. E, especialmente, por compartilhar uma cosmovisão específica, indígena – Carib, Aruak e Tupi – mas também cristã.

Em 1998, os Povos Indígenas do Oiapoque propuseram a criação de um museu cuja destinação seria a de reunir seus artefatos, saberes e conhecimentos. Um museu para dar visibilidade e dignidade à cultura

* Lux Vidal é docente aposentada do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, pesquisadora do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo – NHII/USP e sócia fundadora do Iepé. Esse texto foi escrito em março de 2005.

indígena, e, ao mesmo tempo, ser um centro de memória, de documentação e de pesquisa *para* os índios.

É sabido que hoje inúmeros estudos e pesquisas são realizados entre os povos indígenas que, no entanto, não recebem devolutiva alguma dos mesmos quando de sua conclusão. Atualmente, a documentação e o acúmulo dos saberes sobre as comunidades indígenas do Oiapoque ganharam tal vulto que seria impossível preservar este material nas aldeias em que são realizados os trabalhos. Desse modo, tornou-se necessária a criação de uma instituição adequada à preservação destes objetos e documentos, assim como à divulgação dos mesmos segundo o desejo dos índios.

A cultura material e imaterial dos povos indígenas do Oiapoque – assim como a de tantos outros – encontra-se preservada em museus de arqueologia e etnologia situados nas cidades de São Paulo, Brasília, Belém e outros locais de difícil acesso aos seus produtores. Seria importante que os pesquisadores realizassem seus trabalhos em parceria com os povos estudados, e que suas pesquisas permanecessem nas próprias áreas, disponíveis para as populações indígenas e, à medida que estas assim desejem, também para a população do município e do Estado.

A sociedade da região de Oiapoque também precisa conhecer a cultura indígena, constituinte de sua região, de sua riqueza e diversidade cultural. Assim, nota-se a importância da construção de uma ponte entre os povos indígenas e as escolas, grupos de terceira idade, turistas nacionais e estrangeiros e outros setores da sociedade envolvente. Esta ponte pode ser criada de forma criteriosa e planejada se tiver por mediador o Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque.

Da proposta à construção

A proposta concreta para a construção do Museu Kuahi foi apresentada pelas lideranças indígenas ao Governo do Amapá em 1998 e incluída formalmente no Programa de Governo da gestão do atual Senador da República, João Alberto Capiberibe. Do conjunto de documentos entregues pelos índios ao Governo constavam a justificativa, os objetivos e a especificidade do Museu.

A pedido da então Deputada Janete Capiberibe, elaboramos em setembro de 2002, uma proposta simples de Minuta de Lei para a criação do Museu. Apesar de breve, ela atende aos seus objetivos, define sua missão e ainda a possibilidade da captação de recursos junto a órgãos do Governo e organizações não-governamentais, além do recebimento de doações por meio da Associação dos Amigos do Museu, que deverá ser formalizada em breve. O Estatuto do Museu, que por sua vez institui a forma de organização e esclarece as atribuições do Estado e dos índios, foi elaborado com a assessoria de alguns diretores de museus nacionais - o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, o Museu paraense Emilio Goeldi de Belém - e de acordo com o Código de Ética Profissional do ICOM, o Conselho Internacional de Museus. O Estatuto e a Minuta de Lei do Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque obedecem às normas mínimas necessárias para a integração do mesmo às redes nacional e internacional de museus. Desse modo, todas as medidas legais foram tomadas para que o Museu Kuahi possa existir.

Segundo o Estatuto, o Museu deverá contar com um Conselho Curador - composto por um colegiado de 15 membros, em sua maioria indígenas capacitados para as questões museológicas. Integrarão também o Conselho representantes do Governo Estadual do Amapá, da FUNDECAP, da Secretaria de Turismo, da Secretaria de Ciência e Tecnologia e da sociedade Oiapoqueense, além de pesquisadores das comunidades indígenas. Estão definidos ainda os cargos de diretor executivo e coordenadores técnicos.

A construção do Museu Kuahi teve início em 2000 e foi finalmente concluída em 2004. Apesar de já estar pronta, a obra apresenta problemas arquitetônicos graves, que terão que ser resolvidos antes de sua inauguração. O Museu ficou totalmente abandonado pelos órgãos do Governo, que deveriam ter dado continuidade ao acompanhamento desta obra com a qual, a pedido dos índios, se comprometeram.

Por quê um Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque?

Em junho de 2002, acompanhei um grupo de ceramistas, mulheres Kaduveo, que viajaram para Berlim, na Alemanha. Na reserva técnica do Museu de Etnologia da cidade, elas puderam ver, pela primeira vez, obras de seus antepassados, que conheciam por ouvir falar, mas que não

realizam mais. Puderam trocar impressões, manusear os objetos e desenhar os motivos gráficos hoje desconhecidos de seu povo. Ao mesmo tempo, tiveram a oportunidade de mostrar os trabalhos que realizam hoje, em uma bela exposição. As peças e documentos expostos foram legalmente registrados na Escola de Belas Artes, em nome das artesãs e registrados também em nome da Organização Indígena Kaduveo, enquanto bem coletivo. Este é um exemplo de como se integrar ao mundo, sem perder o controle sobre a própria produção e cultura.

O objetivo central do Museu Kuahi é preservar tanto o patrimônio material - artefatos e objetos - como o patrimônio imaterial - as pinturas, cantos e mitos. À medida que o desenvolvimento de pesquisas nas áreas indígenas torna visíveis estes saberes, eles devem ser documentados, registrados e resguardados, de maneira adequada, legal e sobre a qual os índios tenham sempre pleno conhecimento e controle. Um outro exemplo nos é dado pelos Waiãpi, cuja organização (o Conselho das Aldeias - Apina) controla toda a divulgação dos objetos e do material audiovisual, submetido à aprovação da comunidade.

A efetivação do Museu Kuahi poderá proporcionar segurança semelhante à cultura produzida pelos Karipuna, Palikur, Galibi-Marworno e Galibi-Kalinã, não através do veto da divulgação de seus artefatos e documentos, mas da garantia de discussão e acordo sobre o que e como divulgar, levando sempre em consideração os benefícios que reverterão para as comunidades. O Museu pretende também incentivar novas formas de se expressar, obras de arte elaboradas em diferentes suportes e com materiais tradicionais ou comprados no comércio. Outro objetivo do Museu é possibilitar alternativas de renda por meio da comercialização planejada da produção artesanal. O Museu dará dignidade e visibilidade aos artefatos produzidos nas aldeias e, sobretudo aos mestres-artesãos e artistas. Entretanto, não deverá haver nenhuma interferência no modo costumeiro de vender, uma vez que os índios possuem boas estratégias de comércio. Por outro lado, haverá valorização dos objetos, através da documentação e montagem de exposições.

O trabalho de documentação e valorização já teve início mesmo antes da inauguração do Museu, através do projeto “Resgate Cultural nas Aldeias”, financiado pelo PDPI (do Ministério de Meio Ambiente), que propõe um planejamento para resgatar e divulgar a cultura e melhorar a qualidade e a venda dos artefatos. Além disso, onze índios escolhidos por

suas comunidades participaram, em 2001, 2002 e 2003, de um Curso de Capacitação Museológica sob a Ótica dos Valores Indígenas, que contou com o apoio de profissionais do Museu Goeldi, do Museu de Arte de Belém e do MAE-USP. O Museu poderá ainda manter relações com outros museus regionais, museus indígenas e instituições. Valoriza-se, assim, a cultura local e a cultura específica de cada povo, ampliando as atividades para outras regiões. Uma atividade importante nas Terras Indígenas do Uaçá são os projetos de Gestão Ambiental e que também estarão presentes no Museu.

Pauta de seminários nacionais e internacionais sobre museologia, a proposta de um museu *dos índios e gerido pelos índios* foi muito bem aceita. Ela foi apresentada na Pinacoteca de São Paulo em duas reuniões internacionais - uma durante uma mostra de arte aborígine, apresentada por um curador australiano aborígine, diretor de museu, e outra em um seminário sobre arquitetura e museologia. Na França, foi divulgada por Lúcia van Velthem e por mim mesma. Espera-se que em próximas oportunidades o Museu Kuahi possa ser representado pelos índios do Oiapoque. O Museu regional e indígena é um modelo muito valorizado atualmente, por possuir características próprias, diversas do modelo de museu conhecido pelas grandes cidades. Segundo planejado, o Museu Kuahi deveria ser mantido pelo Estado do Amapá e gerenciado pelos próprios índios, diretamente envolvidos em todas as atividades e com representação majoritária no Conselho Curador. Espera-se que o governo faça dele uma instituição de cunho não-paternalista, não meramente ilustrativa, mas de apoio efetivo à cultura indígena, assumindo que a construção da cidadania para os índios se fundamenta nos seus próprios valores, dinâmica e processo histórico.

“Esta é a nossa História”

É importante, por fim, notar a mudança da percepção indígena sobre a própria produção, quando exposta em suportes, vitrines ou na reserva técnica de um museu. De objetos de uso, comercializáveis ou descartáveis, as peças transformam-se em objetos-documento, com outra identidade e significado. Este novo posicionamento da produção cultural permite um olhar diferente, distanciado e crítico sobre a mesma. Ao mesmo tempo, torna a gestão da produção cultural mais interessante e integrada ao mundo moderno.

Organizados, os índios continuam a se manifestar, como já vêm fazendo há algum tempo, visando acelerar a conclusão das obras e a criação por lei do Museu. Não há razão aparente para que um projeto tão bem concebido e de tamanha importância para os índios, para a sociedade oiapoqueense e para o Estado do Amapá não seja inaugurado em breve. A criação deste Museu é um compromisso que foi formalmente assumido pelo Governo do Estado, tendo sido oficialmente discutido entre este e as lideranças indígenas.

Todos os projetos de exposições, valorização cultural, intercâmbios e atividades educativas dependem da legalização do Museu. Tanto os índios como a sociedade Oiapoqueense e outras instituições, museus e universidades que conhecem a proposta esperam que o Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque, Kuahi, seja efetivamente implantado. Em dezembro de 2004, o Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque foi contemplado com recursos do MinC para um apoio à sua implementação, mas até hoje o Governo do Amapá não teve as condições, por razões burocráticas, de repassá-los para a Fundecap, fundação responsável pelo Museu.

Apesar dos obstáculos meramente políticos que vem enfrentando, e que têm protelado sua inauguração, acredita-se que o Museu será um ponto cultural muito importante para a região, no qual serão desenvolvidas muitas atividades de divulgação da cultura indígena regional. E apesar da demora, o otimismo aumenta ao pensarmos que poucas grandes capitais em nosso país possuem hoje espaços que contam com uma proposta museológica desta qualidade, inovadora justamente por não fazer deste um museu *sobre* os índios, mas um museu *dos* índios.

Certa vez na Cidade do México, ao conhecer o grande Museu de Antropologia, onde fica registrada a história indígena do país, consegui acompanhar a visita de uma escola. Sabe-se que a grande maioria da população mexicana é indígena. Acompanhei, assim, a explicação de um professor a seu grupo de alunos: “Aqui estan las cosas de nuestros antepassados. Esta es nuestra historia”. Frente às estátuas de pedra ou de madeira, as crianças se reconhecem e se orgulham das obras de seus ancestrais. Seu olhar sobre os objetos é diferente, íntimo. Espera-se que, com o Museu, os Povos Indígenas do Oiapoque possam, do mesmo modo recuperar, registrar e ter orgulho de sua história.